

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

205

INSCRIÇÃO 745



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2020

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado *VBI ERAT LVPA*, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas

Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



DUAS INSCRIÇÕES JUNTO AO TEATRO DE *OLISIPO*

CONTEXTO DO ACHADO

O monumento epigráfico de que nos vamos ocupar surgiu no decurso do acompanhamento de obra no nº 6 da Rua da Saudade, na cidade de Lisboa (Freguesia de Santa Maria Maior, Concelho de Lisboa) – FIG. 1.

No âmbito da inserção desse imóvel na área de ZEP do teatro romano, o Museu de Lisboa – Teatro Romano conduziu, em 2019 e 2020, uma intervenção arqueológica no rés-do-chão, com o objectivo de permitir uma adaptação funcional do espaço. O monumento foi identificado em Junho de 2020, quando se procedia aos trabalhos de alargamento do vão de acesso à rua. Grande parte do elemento pétreo havia sido afectada pela abertura do vão, na fachada exterior, para a colocação da caixa técnica do imóvel, tendo-se então recorrido a meios mecânicos, pelo que não foi possível o imediato reconhecimento da epígrafe.

O projeto de obra implicou o rebaixamento da quota do pavimento, sendo preconizada a escavação em área da zona de afectação, o que correspondeu à quase totalidade da área. No decurso da intervenção, reconheceram-se, além de níveis pré-pombalinos, estruturas de cronologia romana no rés-do-chão e no saguão, sendo as mais relevantes as associadas a um nivelamento de argamassa, extensiva a praticamente toda a área do edifício, onde eram visíveis os negativos de placas de revestimento (FIG. 2).

No quadrante sudoeste do imóvel, os negativos das placas de revestimento originais encontravam-se mais bem conservados, enquanto, na parte nascente e do lado norte, já eram menos visíveis. Ainda assim, foi possível a reconstituição quase integral do padrão

original, composto por uma faixa central mais ornamentada (*emblemata*) que deveria localizar-se na zona central do espaço, sendo a área restante mais simples. O esquema mais complexo apresentava duas fiadas orientadas noroeste/sudeste, compostas por quadrados, dispostos obliquamente no interior de outros quadrados, sendo delimitados por placas rectangulares e, nos cantos, por placas quadradas. A restante área possuía um padrão mais linear, de quadrados menores.

Os motivos geométricos mais complexos correspondem ao padrão modular 5 da tipologia de Pérez Olmedo (1996, p. 239, FIG. 11). Este tipo de pavimento é designado por *opus sectile*, técnica de ornamentação arquitectónica que consiste no recobrimento de superfícies com placas pétreas, cortadas em formas geométricas, vegetais ou figuradas. Ainda que o pavimento propriamente dito não tenha sido materialmente identificado, os negativos das diversas lajes que o compunham ficaram registados na argamassa empregue na colocação.

No nível de argamassa eram visíveis fragmentos de placas pétreas e os seus negativos, empregues como nivelamento do solo, com espessuras variáveis entre 0,7 e 2,2 cm. Esta variação relaciona-se com o facto de se tratar de desperdícios de pedras e não das lajes de revestimento. A presença de um tão grande número de desperdícios indicia a manufactura do pavimento no local, isto é, a presença de um ateliê que realizava a composição e procedia ao respectivo assentamento.

Em território nacional não são muitos os casos de pavimentos de *opus sectile*; em Lisboa, o único caso comprovado é o da *orchestra* do teatro romano, que, com a estrutura do *proscænium*, sofre obras de remodelação no ano 57 d. C., data mencionada na inscrição constante do *frons pulpitum* (entre outros: Fernandes 2011, p. 263-311; *idem*, 2013, p. 765-773; Fernandes e Nogales 2018, p. 432-455).

No saguão do edifício, localizado a norte, após a remoção do lajeado que compunha o pavimento, foram identificadas diferentes realidades arqueológicas de cronologia romana, sendo a mais relevante uma estrutura de *opus caementicium*, com 2,5 m de espessura e orientação norte/sul, estando adossada, a poente, à rocha base, enquanto a nascente apresentava um paramento regularizado e um alçado conservado de 1,34 m, rematado inferiormente por uma frustre e mal conservada meia-cana de argamassa. Trata-se de uma estrutura hidráulica – um depósito de água ou cisterna, isto é, um

lacus ou um *salientes aquae*¹ – revestida de argamassa muito forte e compacta, de três camadas sobrepostas, com espessura de 5,5 cm.

A escavação no interior desta estrutura permitiu a identificação de distintos níveis de colmatação, homogéneos e de deposição regular, com abundantes materiais de construção e de revestimento, cerâmica comum e fina, faunas, vidros, etc., que permitem sustentar ter sido a estrutura desactivada e, consequentemente, colmatada nos finais do século I d. C.

Um dos dados mais relevantes fornecidos pela intervenção arqueológica foi o achamento de variados litotipos ainda conservados na argamassa do interior do rés-do-chão. Pelos estudos até ao momento desenvolvidos, sabemos serem provenientes de vários locais do Império Romano, como é o caso de se haverem identificado mármorees provenientes da Turquia, da Grécia, do Norte de África e de Espanha, além de outros da região de Lisboa².

Quanto à interpretação dos achados, em especial no que respeita ao edifício a que pertenceria o pavimento em *opus sectile*, inclinamo-nos a pensar que nos encontramos perante um edifício religioso. Podemos associar às estruturas agora postas a descoberto os vestígios registados em 1987 por Irisalva Moita em edifício contíguo (1995, p. 373), concretamente um embasamento em *opus caementicium*, delimitado lateralmente por blocos esquadriados em biocalcareo, com cerca de 14 m de comprimento, prolongando-se para norte, com orientação noroeste/sudeste. Esta estrutura corresponderá ao limite nascente do edifício agora identificado, que se situa muito próximo ao teatro, em área contígua a uma das suas entradas monumentais (*aditus maximus* nascente), o que decerto obrigou a uma planificação conjunta. Esta ideia é igualmente sublinhada pelo facto de se registarem, em ambos os edifícios, a mesma orientação, iguais soluções construtivas, semelhantes cotas entre a *orchestra* do teatro e do pavimento agora referido, além de idêntico modelo de

¹ Cfr., a este respeito, as designações e respectiva definição apresentada por Reis, 2010, p. 289 (Quadro 1).

² A identificação dos vários litotipos foi realizada por uma equipa reunida para o estudo deste espólio, concretamente os geólogos Jorge Sequeira, do Museu Geológico de Lisboa; Manuel Francisco Costa Pereira, do Instituto Superior Técnico, e Isabel Fernandes, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

pavimentação em *opus sectile*.

Pelas considerações enunciadas pensamos estar em presença do que poderá ter sido um templo, possivelmente de culto imperial, dada a proximidade com o teatro³.

Por fim, o facto de se ter encontrado uma estrutura hidráulica a norte do pavimento ratifica a interpretação de se tratar de um edifício religioso, comprovada que está, sobejamente, a associação entre os templos e o elemento água, «elemento vital na vida urbana, que participa também no espaço sagrado da urbe». «Esta estrutura» de cariz aquático, continuamos a citar Pilar Reis (2010, p. 290), que «poderá pertencer ao *temenos* do templo, situa-se junto ou dentro do pórtico que envolve a praça (...) por uma razão específica relacionada com a liturgia do culto imperial».

Os paralelos mais próximos para o padrão de *opus sectile* agora identificado registam-se em Ampúrias, mas igualmente na própria Roma, onde se destaca o pavimento em *opus sectile* da cela do templo de Apolo, junto ao teatro de Marcelo, inaugurado no ano 13 d. C.⁴

A PRIMEIRA EPÍGRAFE

O bloco epigrafado encontrava-se embebido na alvenaria da parede da fachada, no lado poente de um dos vãos (FIG. 3), donde foi retirado na manhã de 5 de Junho de 2020, tendo sido o alargamento do vão que permitiu a identificação da epígrafe, na medida em que a face epigrafada se encontrava voltada para baixo (FIG. 4). Para a reutilização, foi o monumento original partido muito irregularmente, tendo, no que concerne à epígrafe, levado boa parte do seu conteúdo; foi possível, porém, reconstituir por completo a l. 4 antes do fim, por nela ter estado escrito o nome do primeiro cônsul do ano de 164 e dele ainda restarem vestígios, como a seguir se dirá (FIG. 5).

Trata-se de um calcário do Cretácico da região de Lisboa, muito parecido com a lioz da região de Lisboa e não de Pêro Pinheiro, onde os rudistas são muito mais evidentes.

Encontra-se actualmente nas instalações do Museu de Lisboa – Teatro Romano e integrará a exposição de longa duração do museu.

³ Hipótese já anteriormente defendida: FERNANDES *et alii*, 2015, p. 203-224.

⁴ Il portale per la catalogazione informatizzata dei pavimenti antichi: <http://tess.beniculturali.unipd.it/web/home/>

Dimensões: (57) x (68) x (23).

Campo epigráfico: (36) x (56).

[...] / [M(*arco*) (*hedera*) PO]MPEIO (*hedera*) MACRI[NO] / P(*ublio*) · IVVENTIO (*hedera*) CELSO CO[S(*ulibus*)] / M(*arco*) · CAECILIO AEMILIAN[O] / Q(*uinto*) · IVLIO MARCELLIANO IIVI[R(*is*)] (*duumviris*)

[...]. Sendo cônsules Marco Pompeio Macrino, Públio Juvêncio Celso; duúnviros, Marco Cecílio Emiliano, Q. Júlio Marceliano.

Altura das letras: l. 1: 4,3/4,5; l. 2 e 3: 4,3. Espaços interlineares: 1: 0,7; 2: 1; 3: 1,6/1,7; 4: 15.

Paginação cuidada, obedecendo a eixo de simetria. O relativamente largo espaço deixado entre a última linha e a base do campo epigráfico denuncia a intenção de a epígrafe ficar localizada acima do nível do olhar humano.

Excelente gravação a badame, numa superfície previamente alisada, apesar da textura irregular da lioz típica da região. Parece ter havido intenção de gravar uma *hedera* antes de CELSO. Há, quase imperceptível, uma outra, sagitada, de ponta para baixo e pecíolo muito breve, após o M da penúltima linha.

Caracteres actuários com serifas (veja-se o primeiro A de *Aemiliano*), a denotar prévia existência de linhas auxiliares, o que se evidencia, de modo especial, na base das letras da palavra *Marcelliano*. Barras curtas no T e no E, as deste com leve inclinação para cima, a contrariar, de certa maneira, a evidente verticalidade do conjunto; O e C oblongos; R feito a partir do P; A de barra mediana ténue, horizontal; Q de ampla cauda ondulada.

Na leitura da actual l. 1, assinalamos que há, do M, a parte inferior; a metade inferior do P; a pedra lascou no sítio do E; do I há a metade inferior e o O está quase completo. Em MACRINO, o N encontra-se apenas perceptível e o O desapareceu na fractura.

No final da l. 2, tanto podem ter sido grafados os dois SS como – mais verosimilmente – apenas um. No final da l. 3, do O resta um vestígio mínimo da curvatura inferior esquerda. No final da l. 4, há a terminação superior do I e o R desapareceu; as serifas poderão ter suprido a necessidade de barra horizontal para indicar numeral.

Costuma dizer-se, perante o fragmento duma inscrição importante, como esta o é, que «nos falta o mais significativo», dado que, na realidade, quer se haja pretendido imortalizar um acontecimento ou uma personalidade, é esse dado que ficou no outro pedaço da epígrafe, porventura reutilizado ele também em parede próxima!... Poder-se-ia pensar que o local donde proveio se presta, na verdade, a homenagens: estamos precisamente ao lado de uma das entradas monumentais do teatro e onde se situaria o que se interpreta como podendo ser um templo de culto imperial...

Acontecimento ou personagem relevante deve ter sido, por se não haver olvidado de o datar com precisão, através da menção dos cônsules do ano de 164 d. C. – e com expressa intervenção dos duúnviros. Pertencem estes a famílias olisiponenses largamente documentadas na epigrafia romana da cidade: a dos *M. Caecilii* e a dos *Q. Iulii*. Registe-se que os cognomes, latinos, reflectem, por seu turno, o relacionamento (provavelmente pelo lado materno) com a *gens Aemilia*, um, e com *Marcellus*, -a, o outro; este último a relacionar-se com a *Iulia Marcelliana*, documentada em Vila Franca de Xira (AE 1965 266).

A SEGUNDA INSCRIÇÃO

Aquando da lavagem e limpeza da inscrição da face maior, ou seja, cerca de uma semana depois da sua descoberta, verificou-se a existência de caracteres na face lateral esquerda, restos de uma outra epígrafe que, mau grado a evidente irregularidade da textura do suporte, aí fora gravada. Pela paleografia – caracteres capitais quadrados – permitia, desde logo, uma datação dos primórdios do Império.

Teria, pois, havido reaproveitamento, em 164, de um monumento anterior. Não se crê, à partida, que haja ocorrido eventual *damnatio memoriae*, caso a epígrafe se referisse a alguém caído em desgraça; certo é, porém, que do texto anterior pouco resta, à primeira vista, susceptível de se propor uma reconstituição. Texto de alguma imponência seria, atendendo ao módulo dos caracteres. A não ser que se trate de inscrição tentada e abandonada, por exemplo devido à referida e bem evidente irregularidade da superfície (FIG. 6).

Dimensões: (34) x (17).

Altura das letras: l. 1: ?; l. 2: 5; l. 3: 4; l. 4: 4,7; l. 5: ? Espaços: 2 e 3: 2; 4: 1.

Vejamos o que é possível discernir, ainda que se creia estarmos diante da porção intermédia dum texto, que teria continuidade em cima, em baixo, à esquerda e à direita.

Na actual l. 1, há um **I** a que só falta, em cima, uma porção mínima; segue-se **L**. Não se enxergando vestígio de ponto, assinale-se o invulgar espaço entre as duas letras, a evidenciar alguma solenidade.

Na l. 2, EPO lê-se bem e nestas letras nos baseámos para as classificar de capitais quadradas, mormente devido à perfeita circularidade do **O**; a parte superior do **P** lascou, porventura mesmo no momento da gravação e o sulco daí também resultante poderia induzir a pensar-se em **R**. O traço vertical a seguir ao **O** pode ser de um **T**, cuja barra horizontal desapareceu por completo.

Na l. 3, os estragos provocados pelas falhas do calcário são bem evidentes. Sugere-se PRON: do **P** há somente a curvatura superior; do **R** saltou parte da perna, oblíqua; o **O** está perfeito; com um pouco de imaginação (quicá!...), afigura-se-nos perceber a haste vertical esquerda de um **N**, na medida em que nos parece descortinar também o arranque superior da perna oblíqua.

Na l. 4, apenas PO: o **O** está completo e, do **P**, há a haste vertical e boa parte da curvatura. Depois do **O**, o lascamento tudo levou!

Na última linha visível, a reconstituição **N** não oferece dúvida, porquanto só nos falta o ângulo inferior direito e temos a serifa do segundo vértice superior. Pode ser impressão, mas cremos plausível a eventualidade de o lascamento inicial ao nível desta linha ter ocorrido, em parte, no rasgo de um **I** ou da haste direita de **N**.

Lógico é que, neste momento da análise, se nos antojem perspectivas deveras aliciantes, tendo em conta que a epígrafe veio do espaço junto ao teatro romano e que este sofreu, em 57 d. C., no reinado do imperador Nero, substanciais melhoramentos, devido à oferta do *prosaenium* e da *orchestra cum ornamentis*, devida à benemerência do augustal perpétuo *C. Heius Primus*, como atesta a inscrição HEpOL n° 21272, retirada, no final dos anos 80 do século passado, dum edifício contíguo, o n° 4 da Rua da Saudade.

Nessa inscrição, de Nero se indicam os antepassados: era trineto de Augusto, bisneto de Tibério, neto de Germânico e filho

do imperador Cláudio – uma linha hereditária plena de adopções, a justificar, também por aí, a ascensão ao trono imperial. Não será menos solene esta epígrafe, dado o módulo das letras. Tornase, por isso, aliciante propor que o fragmento integre, como o da inscrição do *proscænium*, um texto em que a data da obra venha consignada da mesma forma (FIG. 7)⁵:

[...] / NERONE · CLAVDIO · / DIVI · CLAVDI · FILIO /
GERM(anici) · CAES(aris) · NEPOTE / TI(berii) · CAESARIS ·
PRONEP(ote) / DIVI · AVG(usti) · ABNEPOTE / [...] N

[...] no tempo de Nero Cláudio, filho do divino Cláudio, neto do César Germânico, bisneto de Tibério César, trineto do divino Augusto...

O N final pertencerá seguramente à palavra identificativa da obra. Poderia ser *proscænium* ou *scaena*, se acaso outro aspecto dalgum destes dois componentes do teatro houvesse sido alvo de atenção. Ou, porventura, do templo. Em todo o caso, não nos parece ousadia considerar esta epígrafe contemporânea da mandada lavar por *Heius Primus*, no ano 57.

REFLEXÕES

Escusado será relevar, em 1º lugar, que se revela importante para a história da cidade de *Olisipo*, em geral, e do seu teatro, em particular, o atento, sério e permanente acompanhamento de todas as obras levadas a efeito em edifícios das proximidades do monumento.

Depois, não é de somenos o contributo que esta dupla inscrição veio trazer para a história do teatro, na medida em que atesta uma nova intervenção, com carácter solene, no ano de 164, a mostrar quanto a vida cultural da cidade se manteve ao longo de décadas.

Deixamos para o fim a pergunta: porquê em 164? Que acontecimento significativo, a nível local ou geral, poderá ter determinado a decisão de mandar lavar esta epígrafe?

A nível local, a resposta passará pela necessidade de obras

⁵ Agradecemos, de coração, ao Dr. José Luís Madeira a prontidão e disponibilidade com que passou a desenho a reconstrução proposta.

– um século decorrera desde a intervenção de *Heius Primus* – e, também, por alguma oportunidade de se evidenciar localmente, a fim de obter repercussão a nível do governo central. Aliás, será que, exactamente a esse último nível, algo poderá ter ocorrido para, em *Olisipo*, se julgar eficaz tal repercussão? De repente, apenas surge o facto de Marco Aurélio – que, em 161, associara ao seu governo o filho, Lúcio Vero – ter aceiteado o cognome de *Armeniacus*, em virtude de, no ano anterior, o seu exército haver alcançado importante vitória, no âmbito da guerra contra os Partos (161-166), ao lograr tomar Artaxata, a capital da Arménia. Aliás, é nesse ano de 164 que Marco Aurélio e seu filho são saudados pelas tropas como *imperatores*, por ocasião da mudança da capital da Arménia para Kaine Polis, apenas a 50 km da fronteira romana.

No âmbito da documentação epigráfica – atendo-nos aos elementos colhidos em EDCS – regista-se CIL XV 1369, de Roma e outras regiões itálicas, que dá conta de 21 marcas de oleiro, datadas desse ano de 164, a assinalar que se trata de *d(oliare) o(pus) ex p(raediis) Paluti Aquil(ini)*. Nesse mesmo ano, é concedida a cidadania a militares que passaram à disponibilidade (ECDS 12300323, de *Vindobona*). Nada disso poderá ter tido repercussão na Lusitânia.

Quanto a epígrafes romanas peninsulares datáveis desse ano ou de anos próximos, aduza-se a homenagem feita pelos *municipes municipii Myrtilensis*, nesse ano de 164, com a intervenção dos duúnviros (IRCP 96); e o pedestal mandado lavar pela *colonia Libisosanorum* (Lezuza) datada de 167 (HEpOL nº 9374).

Recorde-se, porém, que – como atrás se assinalou – havia um governo dual e, por consequência, em vez de pensarmos exclusivamente em Marco Aurélio, a possibilidade de, em *Olisipo*, se ter querido homenagear Marco Aurélio e seu filho, Lúcio Vero, ou apenas Lúcio Vero, não pode ser preterida, tanto mais que, nesse ano de 164, em Alora (Málaga), a *respublica Ilurensium decreto ordinis* saúda Lúcio Vero (CIL II 1946) e dois anos depois, não muito longe de *Olisipo*, em *Amaia*, os municípes amaienses irão também homenagear Vero, homenagem de que nos resta um pequeno pedestal epigrafado (IRCP 616). Anotou-se, a esse propósito: «Manifesta o monumento de Amaia um notável acto público de oficial submissão a Roma, ainda que em roupagens de discreto formulário, num período de florescimento do culto imperial na Península» (IRCP, p. 678).

É bastante provável, todavia, que a epígrafe de *Olisipo* não tenha a ver com uma intenção de agradar ao poder central, tendo-a, por isso, em conta de honorífica. Ainda que relacionável mais com o templo do que com o teatro, somente se terá querido perpetuar a conclusão de um trabalho, nada mais. Aliás, tanto na inscrição de Mértola como na de Lezuza ou, mesmo, na de Alora e na de *Ammaia*, a datação é fornecida pelos elementos do currículo imperial, os únicos que, na circunstância, interessariam; mais uma prova, portanto, de que a datação, aqui, pelos cônsules (a nível geral) e pelo mandato dos duúnviros (a nível local), visa assinalar a solene conclusão duma obra: é epígrafe monumental e não honorífica!

BIBLIOGRAFIA

EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby: <http://www.manfredclauss.de/gb/>

FERNANDES, L. (2011) – A decoração arquitectónica de época romana do *municipium Olisiponense*. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 14, p. 263-311.

FERNANDES, L. (2013) – Teatro romano de *Olisipo*: a marca do novo poder romano. In J. M. ARNAUD, A. MARTINS e C. NEVES (coord.), *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 765-773.

FERNANDES, L. *et alii* (2019) – Elementos arquitetónicos do Teatro Romano de Lisboa / *Olisipo*: sobre o emprego de estuque e da pedra. *Conimbriga* LVIII, p. 149-191.

FERNANDES, L. (2019) – *Caius Heius Primus* – Formas de poder na elite de *Felicitas Iulia Olisipo*. In A. CAESSA e R. CAMPOS (coord.), *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo – Monumentos Epigráficos*. Lisboa: Câmara Municipal, p. 87-99.

FERNANDES, L. *et alii* (2015) – Paisagem urbana de *Olisipo*: fatias da história de uma cidade, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 18, p. 203-224.

FERNANDES, L. y NOGALES BASARRAYE, T. (2018) – Teatro Romano de *Olisipo*: programas decorativos teatrales de *Lusitania*. In C. MÁRQUEZ y D. OJEDA [edit.], *Romana en Hispania VIII* (Actas de la VIII Reunión Internacional de Escultura Romana en Hispania – Universidad de Córdoba y Baena 5-8 octubre de 2016). Córdoba, p. 432-455.

FERNANDES, L. e GRILO, C. (2019) – Um Templo Romano junto ao Teatro de *Felicitas Iulia Olisipo*/Lisboa?, *Al-madan* 2ª série, 22, p. 16-22.

HEpOL = versão *on line* de *Hispania Epigraphica*: <http://eda-bea.es/>

IRCP = ENCARNÇÃO, J. d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. — *Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra, 2013.

MOITA, I. (1995) – Notícia de novos achados e documentos referentes ao teatro romano. *Estudos de Arte e História – Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Mafra, p. 372-377.

PÉREZ OLMEDO, E. (1997) – Revestimentos de *Opus Sectile* en la Península Ibérica. *Studia Archaeologica* 84. Universidad de Valladolid.

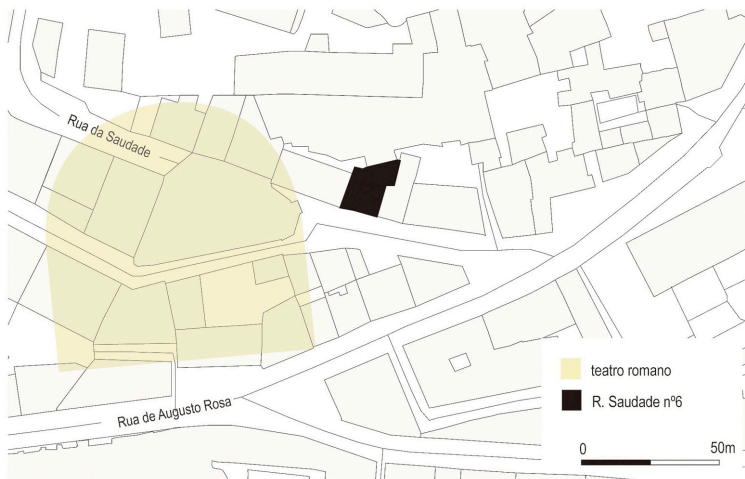
REIS, P. (2010) – Tanques, fontes e espelhos de água nos *fora* lusitanos. In T. Nogales Basarrate (edit.), *Studia Lusitana* 4 – *Cidade e Foro na Lusitânia Romana*, p. 285-314.

LÍDIA FERNANDES⁶

JOSÉ D'ENCARNÇÃO⁷

CAROLINA GRILO⁸

CRISTÓVÃO FONSECA⁹



745

⁶ Museu de Lisboa-Teatro Romano/EGEAC

⁷ CEAACP/FLUC

⁸ Museu de Lisboa-Teatro Romano/EGEAC

⁹ Museu de Lisboa-Teatro Romano/EGEAC



RUA DA SAUDE Nº 6 16.04.2019 Estruturas romanas identificadas no interior e saguão do RIC da Rua da Saude nº 6

2



3

745



4



5

745



6

NERONE · CLAVDIO
DIVI · CLAVDI · FILIO
GERM · CAES · NEROTE
TI · CAESARIS · PRONEP
DIVI · AVG · ABNEPOTE
N



7

745